

NAU cabocla no cerrado inconsciente

Leio a mim mesmo, adormeço e escuto o barulho, é trovão
O megafone decodifica, o mercador anuncia: “o futuro é uma miragem”
Contraceno comigo, vejo o pior e o mediano que há no ego
Nó cego, e cego, agora, é o meu exterior
Ego, Id, o super também é ego, mas como o exterior é cego
A estátua caminha, os andarilhos parados
Os pássaros correm e os lobos voam – salivando jugular de cordeiro
Cuidado! Diz o inconsequente
Vá em frente, induz o prudente
Mexo na barba, Isa brinca pelo espelho
Imita o gesto, vejo o reflexo e penso: “Bela, não quero mais ser insônia”
Meus textos não vou ler, lerei os alheios
Assim, minh ‘alma é alimentada, embarco
A Nau de Morpheus zarpa em direção ao Lago
Viajará em águas hoje tranquilas, passará em cima da “Vila Amaury”,
Atlântida do Cerrado, há tempos submersa
Ecoa a lembrança do velho anúncio:
“Candangos, as habitações serão inundadas, as águas não Pairam no Ar”...

Gilbson Alencar, 1.6.2012 (madrugada)

Obra original disponível em:

<http://www.overmundo.com.br/banco/nau-cabocla-no-cerrado-inconsciente>